

Milliet insistirá em obter um empréstimo-ponte dos bancos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — A necessidade de o Brasil obter um empréstimo-ponte para pagar os juros deste mês — cerca de US\$ 765 milhões — ainda não foi posta em discussão com os credores privados do País. Mas o Governo crê que esse assunto fatalmente surgirá em breve, já que as reservas brasileiras não permitem o desembolso desse total; e também devido ao impasse que já está se formando pelo fato de alguns banqueiros — sobretudo os europeus — exigirem esse pagamento para continuar a renegociação da dívida externa brasileira.

O Brasil está disposto a desembolsar até 40% dos juros devidos, e pedirá aos banqueiros que completem os outros 60% — empréstimo que constaria do acordo de médio prazo, referente aos juros de 1988 e 1989. Quando este estiver concluído, no prazo previsto de seis meses, o dinheiro adiantado para o pagamento dos juros de janeiro será devolvido a quem tiver participado desse socorro.

Caso haja resistência dos credores, o próprio governo dos Estados Unidos e organismos multilaterais, como o Banco Mundial, poderiam par-



ticipar desse pacote — concedendo parte do dinheiro ou avalizando o financiamento de curto prazo.

Este foi um dos temas abordados ontem, aqui, numa reunião entre o Secretário Adjunto do Departamento do Tesouro, David Mulford, e o Presidente do Banco Central do Brasil, Fernando Milliet. Tratou-se, como ambas as partes disseram, de uma conversa preliminar, e não conclusiva. Mas foram alinhavadas nela as possibilidades acima descritas.

— O entendimento com o Departamento do Tesouro é necessário para que se chegue a um acordo global — disse Milliet, numa entrevista na

Embaixada do Brasil, após a conversa. — Informamos (ao governo americano) sobre nossos entendimentos com os bancos privados, e houve então uma exploração de possibilidades. Tratamos de começar a explorar meios e modos para agilizar, quando for necessário, as negociações com o Clube de Paris e credores do setor público em geral.

Segundo Milliet, o Brasil vem acentuando a estratégia do empréstimo-ponte desde o início das negociações, no ano passado. A idéia foi comunicada por escrito aos banqueiros, no dia 5 de novembro, pelo então negociador da dívida brasileira, Fernão

Bracher. Trata-se, agora, apenas de uma questão de **timing**, de oportunidade para lançá-la à mesa.

— Entendemos que, no corpo de um acordo de médio prazo terá que existir, necessariamente, um mecanismo de algum empréstimo-ponte — disse Milliet, tendo a seu lado o Embaixador do Brasil nos EUA, Marcílio Marques Moreira.

Ele explicou que isso é necessário porque, até que a negociação seja definitivamente concluída, isto é, até se chegar à fase do desembolso dos bancos, terá passado um período de quatro a seis meses. E como o Brasil não tem, segundo Milliet, reservas disponíveis para cobrir os US\$ 765 milhões que vencem em janeiro, é inevitável obter-se o financiamento de boa parte desse dinheiro. A outra alternativa, que não parece agradar aos banqueiros, seria esperar até a efetivação dos contratos (que estão sendo negociados agora), ou seja, de quatro a seis meses, para que os juros de janeiro sejam pagos.

— Eu acredito que seria bem mais razoável a concessão do empréstimo-ponte — disse Milliet. — O próprio protocolo do acordo previria esse financiamento, que nos permitiria retomar os pagamentos da dívida com algum aporte da reserva brasileira.